

Jovens de bom senso e equilíbrio

Eles participam de agendas socioeducativas, de interação, voluntariado e também investem tempo livre para saudáveis relações humanas coletivas

NÉLSON GONÇALVES

Eles não costumam entrar na onda de ficar todos os dias horas e horas em frente ao computador só pra ver o “tempo passar”; gostam sim de mídias sociais, mas preferem usar essas ferramentas como elemento interativo, que promova amizade, aproximação e troca de experiências; não são ‘nerds’ e nem ‘CDFs’ e se o fossem não haveria crise interior alguma, gostam de ouvir e serem ouvidos e têm certa noção de que nem tudo é possível ter... Também não se dobram às tentações da alienação, do álcool e drogas muito menos do pouco caso com o futuro e a vida em sociedade. Amanhã se comemora o Dia Mundial da Juventude.

Muitos destes jovens, fundamentalmente, investem algumas horas da agenda semanal para realizar trabalho voluntário e de convivência com crianças e idosos, se deslocando em grupo para creches e asilos; outros se reúnem com frequência para bater papo ou simplesmente cultivar o encontro e a amizade, sem disputar quem bebe mais e, inclusive, até para conviver coletivamente sem a companhia de bebida alcoólica. Acreditem, esses não competem, muito menos para ver quem bebe mais!

São pessoas comuns, mas



Priscila Medeiros/Divulgação

Jovens Alertas visitam USC e participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para adolescentes e jovens do Jardim Ferraz

objetivamente mais “ligadas” em algum vetor do contexto social essencialmente coletivo, diferentemente de milhares dos seus é verdade. Não julgue: eles não são santos, nem pertencem a uma confraria. Cometem seus ‘pecados’, fazem até alguma

‘birra’ quando os pais dão bronca ou dizem “não”.

São psicologicamente, emocionalmente ou socialmente incompletos. Como os jovens, oras! Mas e daí? Isso apenas ratifica que são especiais, “diferentes” sim, joias em lapidação pertencentes a uma sociedade exacerbadamente individualista. Têm fraquezas e defeitos, claro, mas não estão o tempo todo olhando para o próprio umbigo ou o espelho. Eles formam uma moçada que tem orgulho próprio. E, por isso, estão à frente na jornada da vida de milhões de

desavisados, alienados, subjugados, desanteados. Eles são jovens de senso social, coletivo! E em alusão ao Dia Mundial da Juventude, comemorado nesta segunda-feira, o JC conversou com alguns desses jovens

para saber como é o mundo que gira sobre suas cabeças e dentro delas.

O elo psicossocial em comum a esses grupos pode ser a sensação de pertencimento. Compartilhar gostos, comportamentos, acolhimento, ternura, amizade, conhecimento, brincadeiras, ou qualquer outra forma de “vida sadia” pode significar - também - para o coração dessa juventude - que quer ser ouvida e participar - que “precisamos nos sentir como pertencentes a tal lugar, a um agrupamento social e, ainda, sentir que esse lugar de alguma forma nos pertence”.

Assim, acreditam que podem formar eles, ser aceitos socialmente. A percepção, nos contatos em razão da reportagem, foi de que esses jovens acreditam que podem interferir e que, acima disso, vale a pena adentrar nas rotinas e nos rumos de algum lugar ou feito.

PERTENCER

Ser aceito socialmente é importantíssimo para os jovens e o agrupamento entre iguais é uma opção

Elos sociais

Para a psicóloga Orlene Daré, coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência, a necessidade de pertencimento é inerente ao ser humano e isso aparece de forma mais acentuada nos jovens. “Os jovens têm maior necessidade de pertencimento, de serem aceitos em grupo, seja qual for - religioso, político, social. E essas diferentes formas de interagir em grupo expressam essa vontade”, aborda. Orlene considera essencial essas experiências para o desenvolvimento humano, sobretudo psíquico. E esse pertencimento vem com a interação em intervenções sociais, de natureza urbana. Um dos caminhos para essa sensação acontece nos encontros entre pessoas com afinidades”. A psicóloga acrescenta que ser aceito socialmente é importantíssimo para esses jovens. E se eles se agrupam entre iguais, eles veem oportunidade de se manifestar e serem ouvidos. E esse comportamento também é uma forma de opção política necessária para esses jovens.



Divulgação

À mesa, Guilherme de Oliveira, Talita Passarinho, Camila Biel, Ana Assis; no meio, Marina Picolo, Marcella Bilizário, Livia Jabbour, Marco Aurélio Ribeiro, Lia Sacoman Ximenes; em cima, Julia Tognozzi, Aline Prado, Isabella Mastrangelli, Murilo Fava, Vanessa Ghiraldeli Usó

‘É um encontro, não um refúgio’, diz alunos

Jovens que frequentavam juntos uma turma de alunos de teatro começaram a se reunir depois do curso. Um agregou outro e o grupo, desde 2009, frequentemente se encontra para conversar, brincar, jogar.

Sim, eles jogam o que chamam de Panela. Quem apresentou o formato para o grupo foi Ana Paula Assis, 22 anos, hoje estudante do terceiro ano de psicologia na Universidade Sagrado Coração (USC). “Na verdade o jogo nunca é o fim, o principal é a gente se encontrar. É um encontro, não um refúgio. Eu por exemplo bebo socialmente, mas em nossos encontros não levamos nada. Em geral pedimos pizza e refrigerantes. Algumas vezes passamos o

dia inteiro juntos”, conta.

Ah, o jogo? Guilherme Menezes de Oliveira Passarinho explica que cada amigo escreve cinco palavras (verbo, substantivo, adjetivo, o que cada um quiser). Os bilhetes são misturados em uma panela. O jogo é um processo de adivinhar a palavra sorteada a partir de outras palavras. Uma das fases é feita em mímica. “Não pode escrever a palavra sorteada. É uma forma de representação. O jogo em si é apenas divertido, mas a gente se gosta tanto que passamos horas nos divertindo com isso. É para ficar junto, só isso”, diz Guilherme.

Para Ana Paula, a afinidade misturada com diversão agrega. “As reuniões nos divertem muito e isso falta

muito nos grupos. Não é necessário nenhum subterfúgio para que a gente se sintam bem. A gente se reúne e estamos bem. Sem carterice, é um porto seguro pra amizade, sem necessidade de beber ou outra coisa, mas apenas para se divertir”, opina.

Para a estudante, “confiança e liberdade aproximam, ampliam os vínculos emocionais. É uma sensação de ouvir e ser ouvido”.

Guilherme Menezes, hoje estudante de publicidade e professor de inglês, conta que o grupo se ampliou e dele surgiu outro. “Um outro grupo com nome de ‘Pra sempre’ se reúne para assistir novela, filme, escrever. Fomos interagindo antigos participantes com novos, outros foram estu-

dar em outras cidades. O fato é que isso nos aproxima muito e isso faz bem”, considera.

O jovem reconhece que outros colegas não reagem bem ao saber do modo de interação do grupo. “Olham torto, fazem alguma careta. Mas não importa. Temos um fio invisível que nos liga, nos fortalece. Achem o que quiserem. O jogo é apenas um aperitivo para a gente se ver, se encontrar”, sintetiza.

Das reuniões para jogar, o grupo encontrou outros argumentos, datas. “Criamos eventos fixos, como o ‘triversário’ para datas próximas, uma dinâmica para datas comemorativas como o Natal. É um encontro para trocar informações, experiências de vida”, finaliza.

ACAMPAMENTO E POUSADA
TIBIRIÇÁ
VENHA CURTIR UM DOMINGO DIFERENTE
almoço caipira
fogão a lenha, leitoa a passarinho
entre outras delícias
891526
INFORMAÇÕES E RESERVAS: (14) 3214-9708 / 9795-5061 - BAURU - SP

Data feliz



Gilmar M. Azevedo e família estão felizes por sua esposa **Maria de Lurdes Borelli Azevedo** (Professora Lurdinha) completar neste domingo 65 anos de vida.

Desejam a ela toda a felicidade do mundo. Parabéns!

